

ASPECTOS DISCURSIVO-PRAGMÁTICOS DA VARIANTE BRASILEIRA DA LÍNGUA PORTUGUESA

Marcia Gama da Silva Felipe (UERJ)
Jefferson Evaristo do Nascimento Silva Alves (IFF)

Resumo: Este artigo parte de uma reflexão teórico-metodológica de dois professores acerca da apresentação de alguns aspectos discursivo-pragmáticos da variante brasileira da língua portuguesa ensinada a falantes de Português no Brasil. A discussão começa por indicar brevemente alguns dos principais momentos da investigação sobre esses aspectos, de forma a situá-los no campo dos estudos da linguagem. Na sequência, são apresentadas algumas ponderações, com exemplos práticos e algumas inserções pedagógicas para o ensino dos fenômenos em questão. Os resultados apresentados indicam o campo dos aspectos discursivo-pragmáticos dessa variante como bastante produtivos no que diz respeito não só ao ensino desta língua, como também à prática docente, sem deixar de considerar, também, a formação desses mesmos docentes.

Palavras-chave: Variante brasileira; Aspectos discursivo-pragmáticos; Ensino de língua portuguesa.

Abstract: The text presented here starts from a theoretical-methodological reflection by two teachers about the presentation of some discursive-pragmatic aspects of the Brazilian variant of the Portuguese language taught to Portuguese speakers in Brazil. The discussion begins by briefly indicating some of the main moments of research on these aspects, to place them within the field of language studies. Following, some articulations with the Brazilian variant of the Portuguese language are presented, with practical examples and some pedagogical insertions for teaching the phenomena in question. The results presented indicate the field of discursive-pragmatic aspects of the Brazilian variant of the Portuguese language as quite fruitful regarding the teaching of this language and teaching practice, while also considering the training of these same teachers.

Keywords: Brazilian variant; discursive-pragmatic aspects; Portuguese language teaching.

INTRODUÇÃO

Não é uma novidade a afirmação de que a gramática – ou, sendo mais amplo, os estudos linguísticos – sofreu mudanças ao longo do tempo, de forma a se resignificar e a adaptar-se às teorias e constructos conceituais das épocas (FUZA; OHUSCHI; MENEGASSI, 2011).

Uma dessas mudanças de paradigmas se dá na compreensão dos fenômenos linguísticos a partir de bases discursivas e pragmáticas, que passem a considerar de maneira mais efetiva os usos linguísticos e as situações de fala, deixando de dar atenção exclusiva aos aspectos do sistema linguístico ou às manifestações normativo-gramaticais em si. Foi a percepção de que havia mais na língua do que apenas a gramática e o estudo da estrutura da língua, naquilo que os autores chamarão de virada pragmática (ARAÚJO, 2007), demonstrando que “a pragmática é uma disciplina nascida, ou renascida, para remediar a rígida delimitação de escopo adotada pela linguística chomskyana” (LEVINSON, 2007, p.XII).

Recentemente, alguns gramáticos têm dado atenção maior a essas mudanças de percepção, como é o caso da gramática de Azeredo (2012) ou das diferentes gramáticas para o ensino de português como língua não materna (SANTOS, 2016); em

alguns casos, elas chegam a ser chamadas de gramáticas comunicativas.

Nossa proposta está baseada – embora não se restrinja – em autores diversos que tratam dos estudos discursivos e pragmáticos da língua. Dentre eles, Fiorin (2012), em *Introdução à Linguística*; Batista (2012), em *Introdução à Pragmática*; Mussalin e Bentes (2012), em *Introdução à Linguística* e Rajagopalan, em muitos de seus textos.

Nosso texto, portanto, será estruturado da seguinte maneira: uma breve introdução da temática, a presente seção, em que apresentaremos ainda a composição do texto. Em seguida, discutiremos os principais aspectos de uma compreensão discursiva e pragmática da linguagem. Na sequência veremos alguns aspectos contemporâneos dessas duas vertentes, tomadas especificamente da variante brasileira da língua portuguesa, com aplicação pedagógica. Por fim, teceremos algumas considerações, a título de encerramento, das análises que fizemos.

SOBRE OS ASPECTOS DISCURSIVO-PRAGMÁTICOS

Já há muitas décadas, os estudos discursivo-pragmáticos ganharam destaque no âmbito da Linguística (ARAÚJO, 2007; LEVINSON, 2007). Saussure e Chomsky contribuíram – para citar apenas dois grandes linguistas – com a perspectiva de

um estudo que não fosse restrito simplesmente aos aspectos sistêmicos da língua; embora, já se previsse à época, não se lhe aprofundasse tanto.

Após a indiscutível influência da obra dos dois autores apenas citados, lacunas permaneciam evidentes nos estudos linguísticos. Praticamente tudo das explicações e constructos teóricos dos estudos que se faziam até então não consideravam como relevantes aspectos relacionados ao uso da língua e ao seu estudo. A noção sistêmica da língua permaneceu aparentemente intocada até aproximadamente a década de sessenta do século passado.

A bem da verdade, os estudos gramaticais também não se preocupavam de maneira direta com a questão, fazendo da semântica a sua tentativa mais eficaz de algum estudo da significação das palavras e textos; sem que eles fossem vistos, porém, em uma situação de uso. Desde os estudos gramaticais gregos, passando pela definição da gramática, pela Filologia, pela Retórica e pela Filosofia, a prioridade dos estudos sobre a língua não se dava em seu uso, mas na própria língua em si. São, portanto, recentes, os estudos discursivo-pragmáticos.

Ao redor do mundo, algumas iniciativas começavam a dar destaque maior para a língua em uso, como aquelas

empreendidas por Labov, Austin, Grice e Searle, Bakhtin ou Pêcheux, para citar alguns¹. A seu modo, todos buscavam ressaltar os aspectos do uso da língua, compreendidos aqui ainda numa perspectiva discursiva, isto é, uma perspectiva de análise e estudo da língua em uma situação real de uso, contextualizada, para fins de comunicação – em detrimento de uma análise estanque, descontextualizada de seu uso e restrita à discussão sobre as formas da língua. Entretanto, será apenas no período da década de oitenta que esses estudos serão efetivamente assumidos como uma prioridade, principalmente pela expressão que a Análise do Discurso, em suas variadas formas, assumiu. Não sem motivos, alguns autores dirão que os estudos discursivos, na verdade, são uma maneira de compreender a linguagem e com ela se relacionar.

A Pragmática, por sua vez, será definida especificamente como sendo o estudo da língua em uso, no que certamente se aproxima dos estudos discursivos. A princípio, o que separaria as duas seria o fato de a Pragmática pensar na língua em uso, enquanto o discurso pensaria na manifestação do sistema linguístico da língua em uso; um é mais voltado à materialidade linguística, outro é mais voltado ao contexto e sentidos atribuídos aos usos linguísticos.

1 Ao que remetemos à leitura de Levinson (2007), Batista (2012) e Mussalin e Bentes (2012), uma vez que esse não é o escopo da discussão.

A palavra *pragmática* deriva da palavra grega *pragma*, que se refere a algo produzido em um contexto de uso, de ação. Os estudos pragmáticos, portanto, assumirão essa característica, voltando-se para a ação linguística. Isso significa dizer que interessa para a Pragmática compreender como os sentidos da linguagem são produzidos nos usos contextuais específicos, considerando os falantes e seu entorno. Qualquer falante de uma língua compreende que, quando fala, há mais do que o *dito* naquilo que diz. Sabe que, além do significado de suas palavras, outros sentidos são construídos quando fala, de maneira desejada ou não. Dito de outra forma, os sentidos criados pelo uso linguístico não se restringem ao papel semântico esperado das palavras, mas ultrapassa os signos imediatos utilizados e constrói outros e novos sentidos a partir dos contextos em que são utilizados.

Esse raciocínio explica, por exemplo, os usos metafóricos ou estilísticos, como sendo construções contextuais e significativas em determinada situação. Justifica, ainda, o recurso da ironia, dos pressupostos ou dos implícitos. Todos esses elementos são subsidiários, uns mais, outros menos, da manifestação discursivo-pragmática da linguagem. E todos eles colaborarão em maior ou menor grau para as nuances da variedade brasileira da língua portuguesa.

É curioso observar, por outro lado, que discurso e pragmática, no senso comum, apresentam sentidos bastante diversos daqueles da Linguística. Discurso, em geral, é compreendido como uma fala, ou uma manifestação de algum orador: faz um discurso um político em seu comício; faz um discurso um formando em sua formatura. Pragmática, por sua vez, é comumente um adjetivo para designar alguma pessoa que é direta, objetiva, que sempre busca olhar a situação de maneira a agir da forma mais imediata possível, por vezes desconsiderando detalhes importantes. Nesse contexto, tanto discurso quanto pragmática pouco teriam a ver com o universo extralinguístico criado com a linguagem, a partir dela e nela mesma.

Em *Introdução à Linguística*, Fiorin (2012) dirá que o ponto de partida da Pragmática será justamente o inverso do senso comum: a partir dos elementos extralinguísticos, do conhecimento de mundo e do contexto de fala, os enunciados construiriam sentidos particulares. Assim, quando alguém diz (1) “está frio aqui”, o enunciado não significa apenas a informação da condição de sensação térmica de alguém, mas certamente significa algo como um pedido para que a janela seja fechada, o ar-condicionado seja desligado ou que a pessoa deseje um casaco. O exemplo

em (1) demonstra como, de maneira imediata, apenas o sistema linguístico tomado como objeto teórico não seria capaz de oferecer subsídios para a análise e compreensão do enunciado. Faltar-lhe-ia um contexto de significação e um entorno extralinguístico.

Mais importante do que definir o que seria um estudo discursivo-pragmático, ou definir os dois conceitos associados em si, será compreender como essa relação pode se manifestar concretamente nos usos da língua portuguesa. Na próxima seção, discutiremos alguns casos possíveis.

OS ASPECTOS DISCURSIVO-PRAGMÁTICOS DA VARIEDADE DO PORTUGUÊS DO BRASIL

Muitas são as possibilidades de exemplificação de aspectos discursivo-pragmáticos na variedade do português do Brasil. Em tese, seria possível exemplificar a questão com partes da gramática, com o uso da língua, com questões estilísticas ou mesmo morfofonêmicas, para citar algumas. Diversos seriam os caminhos possíveis a serem trilhados.

Um possível cenário seria a observação dos metaplasmos da língua falada e de como eles se manifestam concretamente. Há inúmeros metaplasmos documentados na língua, sejam eles por adição, por substituição ou pela perda de um termo – fenômenos que estarão condicionados à variante da língua

que se observa. Dito de outro modo, os metaplasmos da variedade brasileira da língua portuguesa não são os mesmos da variedade lusitana da língua portuguesa ou da variedade angolana da língua portuguesa. No caso da variedade brasileira, um dos metaplasmos com bastante ocorrência é a prótese, que consiste no acréscimo de uma unidade fônica no início de uma lexia. É o que acontece em (2) e (3), motivado pelo uso diatópico em determinadas regiões:

(2) voar > avoar

(3) rodear > arrodrear

Essas formas, já comuns na língua, são inclusive documentadas pelo Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, o VOLP. A partir delas, é possível ainda a derivação em usos como (4) “avoada” ou “avoador”, para designar uma pessoa esquecida, distraída, que parece estar voando, sem pisar no chão, entendido como uma metáfora da realidade. Esse é um exemplo corriqueiro, manifesto em muitas outras ocorrências.

Outro aspecto perceptível atualmente é o da apócope, isto é, a perda de um fonema no final da palavra. Talvez o caso mais imediato seja o da supressão da desinência de infinitivo dos verbos. Assim, são comuns as ocorrências na língua em uso de casos como:

(5) está, em lugar de estar (a grafia habitual é esta)

(6) fazê, em lugar de fazer (a grafia habitual é faze)

(7) comê, em lugar de comer (a grafia habitual é come)

Nos casos de (5) a (7), há uma mudança significativa da estrutura morfológica do verbo, que passa a não mais marcar a desinência modo-temporal do infinitivo e, em casos inúmeros, a fazer coincidir o verbo no infinito com, por exemplo, a terceira pessoa do singular do indicativo, ou mesmo com o pronome, como em (5). Os trabalhos de Lima (2016), Caetano e Gomes (2015) e Dorneles e Cerqueira (2011) são alguns dos inúmeros exemplos da abrangência do fenômeno em todo o território brasileiro. Além disso, as ocorrências da língua falada com apócope do /r/ nos infinitivos têm se expandido cada vez mais para a língua escrita, inclusive.

De maneira mais informal, há o fenômeno da conversa em ambientes digitais, que tende a simplificar ao máximo a comunicação, criando variações discursivo-pragmáticas emblemáticas, apontando indícios de mudança sistêmica da língua. É possível, no contexto, uma conversa como:

(8) Pq vc n veio aki hj? (Por que você não veio aqui hoje?)

Nesse excerto, as necessidades discursivo-pragmáticas de uso da língua fazem com que a interação verbal tenha

de ser a mais breve possível, motivando uma nova grafia e articulação das palavras. Não deixa de ser necessário afirmar o quanto, na prática, essa necessidade de velocidade da interação verbal é o reflexo da necessidade de velocidade da vida atual, globalizada e digital.

A questão que se coloca é a de que o entendimento dos exemplos apontados indica pontos de variação linguística observáveis em diferentes contextos discursivo-pragmáticos, inseridos em contextos específicos. A falta de entendimento do contexto específico foi o que motivou, por exemplo, toda a querela envolvendo o famoso caso do “nós pega os peixe” do livro *Por uma vida melhor*, da coleção *Viver, aprender*, adotado pelo MEC (maio, 2011) que, apresentando uma das ocorrências possíveis de variação linguística, foi classificado como “o livro que ensina a língua errada para as crianças”, num claro desconhecimento das variedades linguísticas existentes na língua portuguesa do Brasil.

É possível pensar em inúmeros pontos de articulação pedagógica entre o que discutimos até aqui e as práticas em sala de aula. Vejamos o exemplo possível a partir do poema de Oswald de Andrade:

Vício na fala

Para dizerem milho dizem mio

Para melhor dizem mió

Para pior pió
Para telha dizem teia
Para telhado dizem teiado
E vão fazendo telhados.

Nesse poema, é possível perceber a intencionalidade estilística do autor de se fazer valer da apócope do /r/ como efeito de sentido das construções escolhidas. No poema, implicitamente, está dito que independentemente da variedade linguística que a pessoa utilize, os telhados continuam a ser feitos normalmente. Em outras palavras, é como se dissesse que a variedade linguística não interfere na vida prática das pessoas, tornando-se uma realidade importante mais para os gramáticos – e, por uma espécie de consequência difusa, os professores – do que para a sociedade em geral.

Uma abordagem normativista da língua diria que o poema de Oswald de Andrade apresenta erros de uso da língua portuguesa. Atendo-se apenas ao aspecto da norma padrão, de fato, a observação estaria correta. Entretanto, valendo-se dela, toda a expressividade, o estilo e a intencionalidade do autor estariam perdidas. É justamente do “erro” – que, em verdade, não expressa erro, senão sob o prisma normativista – que surge a possibilidade de uso linguístico mais complexo do que o que resultaria do “acerto” no uso. Como diz Antunes,

o que se faz em sala de aula; o que se deixa de fazer; o que se escolhe, o que se rejeita; o que se prioriza; o que se adia; tudo tem seu começo naquilo que acreditamos que seja a linguagem, língua, gramática, texto e, ainda, os complexos processos de aprender e de ensinar. (2014, p.16)

O exemplo do poema em foco é um dentre inúmeros outros possíveis. Sem querer mostrá-los em exaustão, escolhemos aqui um excerto a fim de que se possa compreender a aplicação pedagógica de uma discussão aparentemente teórica acerca das variedades linguísticas existentes na língua portuguesa. Muitos outros, certamente, poderiam ser indicados.

A TÍTULO DE ENCERRAMENTO DE NOSSA PROPOSTA

Vimos, pelos casos discutidos, diferentes pontos de aproximação entre variedades linguísticas e os estudos discursivos e pragmáticos. Dentre eles, queremos ainda dar destaque final a dois fatores: em primeiro lugar, que os aspectos discursivo-pragmáticos da variante brasileira da língua portuguesa são diferentes dos aspectos discursivo-pragmáticos das outras variantes praticadas nos países lusófonos. Cada língua/cultura, em seu contexto, constrói situações comunicativas significativas em seu universo linguístico. Em segundo lugar, esses aspectos mencionados podem se manifestar em diferentes exemplos e contextos,

como os que apresentamos neste artigo, indo da linguagem coloquial do ambiente digital ao poema; todos esses poderiam ser exemplos produtivos e com recorrências mil.

Os excertos analisados, naturalmente, cobrem parcela ínfima da multiplicidade de usos da língua e das muitas manifestações expressivas da linguagem humana. Buscamos, em nossa proposta, apresentar alguns deles, sempre em correlação direta com exemplos práticos. Compreender esses aspectos como parte fundamental dos estudos linguísticos é dar-lhe o seu local de destaque nos estudos linguísticos; destaque que, por vezes, para alguns, fica restrito ao âmbito puramente sistêmico-gramatical-normativista da língua, quando na realidade são fatos diários comuns à maioria dos falantes da língua portuguesa.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irlandé (2014). *Gramática contextualizada – limpando o pó das ideias simples*. São Paulo: Parábola.

ARAÚJO, Inês Lacerda (2007). “Por uma concepção semântico-pragmática da linguagem”. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*. 5(8), março.

AZEREDO, José Carlos de (2012). *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo: Publifolha.

BATISTA, Ronaldo de Oliveira (2012). *Introdução à pragmática: a linguagem e seu uso*. São Paulo: Editora Mackenzie.

CAETANO, Eva Mara; GOMES, Nataniel dos Santos (2015). “Metaplasmos por subtração em Bosquejos, de Ismael Coutinho”. In: GOMES, Nataniel dos Santos;

SILVA, José Pereira da. *Historiografia linguística e consoantes geminadas: em Silhuetas e Bosquejos de Ismael de Lima Coutinho*. Niterói: Impetus.

DORNELES, Darlan Machado; CERQUEIRA, Vicente Cruz (2011). “O apagamento do /r/ na fala urbana de Rio Branco – AC: um estudo sociolinguístico”. *Revista Philologus*, Rio de Janeiro: CiFEFiL, 51, Set./Dez. – Suplemento.

FIORIN, José Luiz (2012). *Introdução à Linguística*. I. Objetos teóricos. 2.ed. São Paulo: Contexto.

FUZA, Ângela F.; OHUSCHI, Márcia Cristina G.; MENEGASSI, Renilson José (2011). “Concepções de linguagem e o ensino da leitura em língua materna”. *Linguagem & Ensino*, Pelotas, 14(2), Jul./Dez, 479-501.

LEVINSON, Stephen C. (2007). *Pragmática*. São Paulo: Martins Fontes.

LIMA, Jessé da Silva (2016). *Abordagem sociolinguística da apócope de /R/, /S/ e /N/ em contexto brasiliense-goiano*. 147f. Trabalho de conclusão de curso (TCC em Licenciatura em Língua Portuguesa. Universidade de Brasília, Brasília.

SANTOS, Liliane (2016). “Para uma gramática da enunciação do português: os atos de fala”. In: RIBEIRO, Alexandre do Amaral. *Ensino de português do Brasil para estrangeiros: internacionalização, contextos e práticas*. Rio de Janeiro: Epublik.

Márcia da Gama Silva Felipe é Doutora em Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Professora de Redação Acadêmica (UERJ). Professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira na Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro (SME/RJ) e na Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro (SEEDUC/RJ). Membro do grupo de pesquisa Semiótica, Leitura e Produção de textos (SELEPROT), da Asociación de Linguística y Filología de América Latina (ALFAL) e da Associação Internacional de Linguística do Português (AILP). Desenvolve pesquisa nas seguintes temáticas: semiótica, leitura e produção de texto e uso da literatura no ensino da Língua Portuguesa. E-mail: prof.marciadagama@gmail.com.

Jefferson Evaristo do Nascimento Silva-Alves é Doutor em Letras Neolatinas e Doutor em Língua Portuguesa. Mestre em Letras Neolatinas. Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense (IFFluminense), atuando no ensino médio e na graduação em Letras. É coautor de diversos livros sobre ensino de língua portuguesa e organizador do CONELP – Congresso Internacional de Ensino de Língua Portuguesa. Participa nos seguintes grupos de pesquisa: (i) Descrição e Ensino de Língua: pressupostos e práticas; (ii) Leitura, Produção Textual e Reescrita no Ensino Médio; e (iii) Núcleo de Estudos Culturais, Estéticos e de Linguagens.

E-mail: jeffersonpn@yahoo.com.br.

*Recebido em 9 de julho de 2020
Aprovado em 5 de agosto de 2020*